

SETOR PÚBLICO

Com deficit, governo cumpre meta

Prejuízo das estatais também fica dentro do previsto, e superavit de estados e municípios ajuda a equilibrar as contas públicas

» DANANDRA ROCHA

O resultado das contas consolidadas do setor público, divulgadas, ontem, pelo Banco Central, indica que o governo federal encerrou 2025 dentro do intervalo estabelecido pelo novo arcabouço fiscal, apesar de um cenário marcado por forte pressão de despesas obrigatórias e pelo desempenho negativo de algumas estatais, em especial, os Correios. Consideradas as exclusões previstas em lei, o resultado primário (que desconsidera as despesas com juros da dívida) fechou com deficit de R\$ 10 bilhões, compatível com a meta de resultado zero (receitas iguais às despesas), que admite uma margem de tolerância de até R\$ 31,7 bilhões.

O dado oficial parte de um deficit primário bem maior, de R\$ 58,687 bilhões, apurado no ano passado. Desse montante, foram subtraídos R\$ 48,683 bilhões referentes a despesas excluídas por lei do cálculo da meta fiscal, como precatórios excedentes, gastos temporários em saúde e educação e investimentos estratégicos em defesa. A metodologia segue o que determina a Lei Complementar nº 200, que atribui ao Banco Central a palavra final sobre o cumprimento da meta.

Durante a apresentação dos números, o chefe do Departamento de Estatísticas do BC, Fernando Rocha, explicou que a diferença em relação aos dados divulgados, ontem, pelo Tesouro Nacional decorre da base de cálculo utilizada. Enquanto o Tesouro partiu de um deficit maior, de R\$ 61,691 bilhões, o BC considerou um resultado agregado inferior, o que levou a um deficit ajustado menor.

“O Tesouro partiu de um deficit de R\$ 61,7 bilhões e, após as deduções necessárias, chegou a um deficit que está dentro do intervalo das metas. Então, se a gente partir de um deficit menor, que é esse deficit de R\$ 58,7 bilhões, ao invés de R\$ 61,7 bilhões, a gente, em vez de

Ed Alves/CB/DA.Press



Banco Central aponta o crescimento das despesas obrigatórias e o prejuízo de estatais como os principais responsáveis pelo deficit primário em 2025

chegar a R\$ 13 bilhões, vai chegar a R\$ 10 bilhões, e também estará no intervalo das metas”, disse Rocha.

Recorde de receitas

Apesar do cumprimento formal da meta, o quadro fiscal segue desafiador. O setor público consolidado, que reúne União, estados, municípios e estatais, registrou deficit primário de R\$ 55 bilhões em 2025, o maior desde 2023. A trajetória recente mostra forte volatilidade: após deficits

expressivos em 2020 e 2023, o resultado negativo voltou a crescer em relação a 2024, quando havia ficado em R\$ 47,5 bilhões. No ano passado, estados e municípios ajudaram a reduzir o buraco nas contas públicas, apresentando superavit de R\$ 21,952 bilhões.

No recorte do Governo Central, o deficit alcançou R\$ 61,69 bilhões, equivalente a 0,48% do Produto Interno Bruto (PIB). O número reflete, sobretudo, o peso crescente das despesas obrigatórias. Benefícios previdenciários e o Benefício de

Prestação Continuada (BPC) responderam por uma parcela significativa da alta dos gastos, impulsionados pelo aumento do número de beneficiários e pela política de valorização do salário mínimo. Apenas a Previdência Social acumulou deficit de R\$ 317,2 bilhões no ano, compensado parcialmente pelo superavit do Tesouro Nacional e do Banco Central.

Ainda assim, a arrecadação recorde evitou um resultado pior. O crescimento real das receitas foi puxado pelo Imposto de Renda,

pelo IOF e pelas contribuições previdenciárias, beneficiadas pelo dinamismo do mercado de trabalho e pela reoneração da folha de salários. Também houve reforço relevante das receitas com exploração de recursos naturais, especialmente o petróleo do pré-sal. Em contrapartida, caiu de forma expressiva o ingresso de dividendos e participações, refletindo a redução nos repasses de estatais como Petrobras e BNDES.

No universo das empresas estatais federais, o resultado

R\$ 10 Bi

é o deficit primário do setor público em 2025, descontadas as exceções previstas em lei

também ficou dentro do previsto pela Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). As 20 companhias consideradas na estatística do Banco Central encerraram 2025 com deficit primário de R\$ 5,1 bilhões, abaixo do limite autorizado de R\$ 6,2 bilhões. O Ministério da Gestão e Inovação atribui o resultado, principalmente, ao volume de investimentos e ao pagamento de dividendos, que entram na contabilidade fiscal como despesa, mesmo quando associados a desempenho operacional positivo.

Correios

Um dos principais fatores de pressão foi a Emgepron, responsável por projetos estratégicos da Marinha, que registrou deficit de R\$ 2,8 bilhões em razão de investimentos elevados, embora tenha apresentado lucro contábil no período. O governo destaca que essa combinação, deficit fiscal com lucro, é comum em empresas com forte ciclo de investimentos.

O caso mais sensível, porém, segue sendo o dos Correios. A estatal acumulou prejuízo de R\$ 6 milhões até setembro de 2025 e um deficit primário de R\$ 1,047 bilhão, contribuindo de forma relevante para o resultado negativo do conjunto das estatais. O desempenho reforça o desafio de reequilibrar empresas com dificuldades estruturais sem comprometer o esforço fiscal mais amplo. **(Com agências)**

MERCADOS

Nome de Trump para chefiar FED derruba bolsas e eleva dólar

» RAPHAEL PATI

A nomeação do financista Kevin Warsh para comandar o Federal Reserve (Fed) – o banco central dos Estados Unidos – agitou os mercados no último dia da semana e gerou um movimento de realizações nas principais bolsas norte-americanas, além de provocar efeitos adversos para o mercado de ações no Brasil. O indicado pelo presidente Donald Trump já atuou dentro do governo norte-americano como assessor especial do presidente George W. Bush para política econômica e secretário-executivo do Conselho Econômico Nacional (NEC, na sigla em inglês). Ele é visto como um nome mais técnico, apesar de ter passado pelo crivo de Trump, que faz pressão por uma queda maior dos juros no país.

O mercado estava à espera da indicação, pelo presidente norte-americano, do nome para ocupar a cadeira de Jerome Powell, que vai deixar o comando do FED em maio, quando se encerra o mandato do chairman. Havia uma expectativa maior com a definição do sucessor, visto que Trump já entrou em rota de colisão em diversas oportunidades com o atual mandatário da autoridade monetária. Recentemente, o governo norte-americano abriu uma investigação sobre a atuação do atual chairman do Fed por conta de uma reforma na sede da instituição, em Washington, que custou US\$ 2,5 bilhões (cerca de R\$ 13 bilhões) aos cofres públicos. Powell reagiu e gravou um vídeo denunciando a pressão da Casa Branca para tirá-lo do cargo.

O presidente dos EUA não esconde o descontentamento com a política monetária conduzida por Powell. Em mais de uma vez, o republicano pediu para que o Comitê de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês) do Fed reduzisse a taxa de juros no país. Na última reunião,

1%

foi o percentual de valorização do dólar, ontem, no Brasil, depois de uma semana de quedas constantes da cotação da moeda dos EUA

encerrada na quarta-feira, o comitê manteve a taxa básica de juros na faixa de 3,5% a 3,75%.

Antes da nomeação oficial, Trump já havia adiantado a repórteres que o próximo nome para o Fed já estava escolhido e que o anunciaria de maneira formal, ontem. A indicação do financista para o comando da política monetária norte-americana ainda deve passar pelo Senado dos EUA. “Conheço Kevin há muito tempo e não tenho dúvidas de que ele será lembrado como um dos grandes presidentes do Fed — talvez o melhor. Além de tudo, ele é a ‘escolha perfeita’ e nunca vai decepcionar”, parabenizou o presidente dos EUA, na sua rede social, a Truth Social.

Reações

Diante disso, os principais índices dos EUA fecharam o dia em baixa, com destaque para o Nasdaq, que perdeu 0,94% na sessão de ontem. Já o Dow Jones e o S&P 500 encerraram com quedas de 0,43% e 0,36%, respectivamente. No Brasil, o dólar comercial subiu cerca de 1%, cotado a R\$ 5,24, com o Índice DXY — que mede a força da moeda norte-americana ante outras divisas do exterior — em alta de 0,75%. Na contramão, o ouro e a prata (que geralmente são uma saída mais conservadora em momentos de baixa

Brendan McDermid/AFP



Acadêmico com perfil técnico, o futuro presidente do FED, Kevin Warsh, vai conviver com as pressões de Donald Trump por redução nos juros



Ele é visto como um nome técnico e institucional, o que acaba fortalecendo a moeda americana. O fato elevou os rendimentos dos treasuries – títulos de dívida do governo – e trouxe alguma cautela aos mercados de ações e metais preciosos

Sidney Lima, analista da Ouro Preto Investimentos

do dólar) tiveram quedas históricas no dia, após um período de intensa valorização. No mercado acionário, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa/B3) caiu 0,97%, aos 183.363 pontos e fechou o mês de janeiro em alta de 12,56%.

Expectativas

Para o analista da Ouro Preto Investimentos, Sidney Lima, a indicação de Warsh ajusta expectativas sobre a trajetória futura de juros nos EUA. “Ele é visto como

um nome técnico e institucional, o que acaba fortalecendo a moeda americana. O fato elevou os rendimentos dos treasuries – títulos de dívida do governo – e trouxe alguma cautela aos mercados de ações e metais preciosos”, destaca o especialista, que acredita que esse movimento também sinaliza aos investidores que a política monetária americana pode permanecer mais disciplinada, com menor probabilidade de cortes agressivos e isso impacta preços de ativos globalmente.